

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio Braziliense Class.: Garimpo (NO AM)
Data 13/02/86 Pg.: 105

4468

Terrorismo ecológico

PEDRO ROGERIO

Acaba de prestar mais um desserviço à Nação a emérita instituição que atende pelo nome de Cimi — Conselho Indigenista Missionário. Com a irresponsabilidade social que tem caracterizado, nós últimos tempos, determinados dirigentes daquele órgão e de outros que orbitam em torno dele, todos "tratando" do problema indígena, foi transmitida — primeiro para o País, depois para o exterior — a notícia falsa de que garimpeiros haviam assassinado 63 índios nas florestas do Alto Rio Negro, Amazonas.

O que mais espanta no episódio é que um parlamentar com atuação séria e vigorosa na Câmara Federal tenha embarcado nesta ubá furada. Pois o deputado Artur Virgílio Neto não só encampou a denúncia vazia como colocou à disposição dos denunciadores todo o seu poder de tribuno feroso. Lá de Manaus, disparou horrores contra a Funai, contra o Ministério das Minas e Energia, contra as Forças Armadas, responsáveis pelo sangue indígena que tingira a selva amazônica.

O resultado de tudo isso é que a imprensa européia, especialmente a francesa, dedicou grandes espaços ao genocídio que não houve. E o que aconteceu com os denunciadores? Nada. A Funai deslocou uma expedição para o lugar do massacre, o Comando Militar da Amazô-

nia também, o SNI foi acionado para buscar rapidamente informações sobre os assassinos. Mesmo depois da comprovação cabal de que nada ocorrera, os denunciantes nem se dignaram a um simples pedido de desculpas.

É espantosa a facilidade com que se consegue hoje dar foros de absoluta verdade a falsidades de grande quilate sobre a Amazônia. Brasileiros que jamais viram um "pé de árvore" escrevem e dizem os maiores disparates sobre a região. Ainda esta semana o Jornal do Brasil noticiava a denúncia de um cientista de que está ardendo atualmente na Amazônia a maior fogueira do mundo. Teria seiscentos quilômetros de comprimento por quatrocentos quilômetros de largura. Foi detectada "ao longo do rio Araguaia".

Ora, o rio Araguaia corre em quase toda a sua extensão na pré-Amazônia, uma região onde a vegetação habitual é a savana. Só no baixo curso, antes de desaguar no Tocantins, é que adentra a floresta. Além do mais, convenhamos, uma fogueira do tamanho descrito pelo cientista produziria um volume de fumaça de tal magnitude que desaconselharia a vida humana e animal num raio de centenas de quilômetros. E o vale do Araguaia, ao contrário do que supõe o nosso cientista, é animado por dezenas de ci-

dades, povoados, fazendas, aldeias indígenas. Seus habitantes já haveriam de ter botado a boca no mundo, muito antes de o próprio cientista fazê-lo. A fumaça dessa monumental fogueira, se existisse, também estaria impedindo a navegação aérea visual numa vasta região. E certamente, muito antes de um satélite detectar o desastre ecológico, já haveria registros de pilotos nos Serviços Regionais de Aviação Civil (Serac) de Goiás, Mato Grosso, Pará, Maranhão e Brasília. Aliás, a fumaça já teria chegado até os céus de Brasília, pela ação dos ventos. De 79 a 82 voei mais de oitocentas horas sobre a Amazônia e jamais vi lá de cima um incêndio florestal que fosse maior do que as queimadas habituais dos carvoeiros dos cerrados de Minas. Nem por isso os incêndios devem ser tolerados, na Amazônia ou aqui por baixo. Temos é que tornar eficaz a Polícia Florestal do IBDF e obrigar a Sudam a cortar os incentivos fiscais dos projetos agropecuários que agridam a ecologia. No mais, é convocar o Corpo de Bombeiros para dar um refrigério na cabeça do cientista Alberto Setzer, autor da ciclópica fogueira.

É desse modo, na base do terrorismo ecológico, que os brasileiros e os estrangeiros entram em contato com a Amazônia. Um terrorismo cujos protagonistas são ora

os índios, ora a fauna e a floresta, ora as riquezas minerais. Um terrorismo que só se presta àqueles que defendem a causa da internacionalização da Amazônia. E como é contagioso o terrorismo! Pega até nos próprios amazônidas. Ainda agora, um jornal de Manaus teve a cachimônia de considerar belicista e de pretensões hegemônicas (sic) a recente Operação Presença com que o Exército brasileiro, como era do seu dever, assinalou a soberania nacional na região fronteira com a Colômbia, por onde vagava uma coluna de guerrilheiros do M-19.

E por tudo isso e muito mais que chega em boa hora o projeto do presidente Sarney que vai propiciar o surgimento de novas povoações nos mais distantes pontos do mapa da Amazônia. É o Programa da Calha Norte, que cobre o arco de fronteira que vai de Tabatinga, no Amazonas, a Clevelândia, no Amapá. É preciso povoar esse pedaço grande do Brasil, que só é Brasil hoje graças às asas do Correio Aéreo Nacional e à presença dos Pelotões de Fronteira do Exército. É preciso povoar a Amazônia para executarmos sobre a região uma vigilância direta em todos os aspectos. Inclusive a vigilância ecológica. Com mais brasileiros por lá teremos uma comunicação mais eficiente e as notícias falsas e os disparates terão vida breve.